

O CONCÍLIO DO VATICANO II NA BAHIA: UM ESTUDO DE CASO DA IGREJA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO

Yuri Pacheco Ávila¹

RESUMO: *A igreja do Rosário dos Pretos, em Salvador, templo erigido no século XVIII por escravos, tem no presente estudo - com o fito de investigar as transformações ocorridas no catolicismo após o Concílio do Vaticano II (1962-1965) -, o final do século XX e o início do século XXI escrutinados por meio da descrição e análise das suas atividades. São utilizados, para tanto, conceitos como identidade étnica e sincretismo religioso, assim como é pontuado o papel do Movimento Negro como agente catalisador das modificações litúrgicas nas celebrações da irmandade. Destarte, a introdução dos conceitos de inculturação, sincretismo e ecumenismo no seio da cristandade, bem como a formação dos Agentes de Pastoral Negros e a realização da Campanha da Fraternidade de 1988 — que teve por tema “A Fraternidade e o Negro” —, foram elementos fundamentais para descrição do nascimento, estrutura e significação das ações e celebrações da irmandade.*

Palavras-chave: Concílio do Vaticano II; Igreja do Rosário dos Pretos; Sincretismo

INTRODUÇÃO

Construído ao longo do século XVIII por uma das mais antigas confrarias brasileiras, o templo da Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo vem ocupando lugar de destaque dentre as igrejas de rito católico, já que, com número grande de irmãos professos, tem suas missas bastante freqüentadas, além de pulularem as encomendas de celebrações, desde aniversário de político, passando por desfechos de festivais culturais, àquelas dedicadas a santos sincretizados por divindades dos terreiros de candomblé.

A irmandade também tem importância destacada por estar em conformidade com uma tendência recente da Igreja Católica, ou seja, por dar conta de uma das propostas do Concílio Vaticano II (1962-1965), justamente aquela que diz respeito à adaptação das celebrações à realidade cultural da comunidade em que se encontra, conceito este denominado inculturação. Aproveitando sua história marcada pela escravidão, a Ordem Terceira do Rosário desenvolve missas que portam elementos pinçados da tradição afro-brasileira genérica.

A forma como a Igreja Católica se relacionou com o negro durante a história do Brasil e estabeleceu suas mudanças, isto é, o Concílio Vaticano II e a introdução dos conceitos de inculturação, sincretismo e ecumenismo, a formação da CNBB, a importância das Conferências de Puebla, Medellín e Santo Domingo, a formação dos Agentes de Pastoral Negros e a Campanha da Fraternidade de 1988, que teve por tema *A Fraternidade e o Negro*, serão desenvolvidos no presente artigo, objetivando, portanto, dar uma dimensão histórica e institucional ao tema.

NEGRO E IGREJA CATÓLICA

O catolicismo no Brasil, no período colonial, se deu de maneira autoritária e compulsória, objetivando uma unificação de ordem moral das “raças” (CÁSSIA, 2001: 167). Nos primeiros momentos da empresa colonial, portanto em um estágio pouco planejado e organizado, o poder

¹ Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: yurov@hotmail.com

eclesial estava nas mãos do rei de Portugal, que pelo regime do padroado indicava “candidatos a todos os benefícios e cargos do clero secular e regular, a imposição da censura e outras penalidades eclesiásticas” (VALENTE, 1994: 28)

Por conta mesmo de uma concepção aguerrida de religião, não houve aqui um projeto de igreja, uma missão, logo em princípio - existiu, entretanto, dominação e imposição do catolicismo que conformou o quadro religioso do país de maneira assimétrica, sendo levado em consideração os interesses da Coroa. (VALENTE, 1994: 29) Os negros que aqui chegaram, como força de trabalho escravo, eram lançados sem escolha para tal credo. O batismo era a via de inserção de africanos ao trabalho escravo, simbolizando um afastamento dos costumes, crenças e valores nefastos dos quais eram portadores, podendo mesmo acontecer no navio, no momento do embarque (OTT, 1968: 121; Valente, 1994: 33). Importava “é que fosse Católico-Romano ou aqui se desinfetasse com água benta da heresia pestífera; que se batizasse; que proferisse a fé católica, apostólica romana” (FREYRE, 1990: 200).

Para Freyre (1990), a religião ocupava espaço, paradoxalmente, no então sistema em que imperavam alguns dos pecados capitais – gula, preguiça e luxúria. Tal situação não é respondida simplesmente pela complacência dos mecanismos católicos de confissão e penitência: há uma reordenação desta religião às demandas locais. Neste sentido, as questões do sincretismo e da relação íntima com os santos são levantadas. Além da “esmagadora maioria dos padres que se envolveram na colonização do Brasil [viverem] sob tutela, física e moral, dos senhores de engenho” (ARAÚJO, 1994: 82). Isto, certamente, revela o caráter privado e familiar da colonização do Brasil.

A catequese incipiente que havia neste período era norteada pela visão depreciativa do negro, a qual lhe atribuía uma mente embotada, infantil (VALENTE, 1994: 33). Os demais sacramentos não eram respeitados em sua totalidade, sendo estes restritos a eucaristia, a confissão, matrimônio e Unção dos Enfermos, porém sempre limitados às contingências de sua condição servil (VALENTE, 1994: 43). As irmandades, em sendo ambientes de socialização e proteção de seus membros, foram locais privilegiados para o crescimento organizacional e estratégico do negro escravo no período colonial (VALENTE, 1994: 45-53).

CATOLICISMO E “MODERNIDADE”

O Concílio Vaticano II (1962-1965) representou, de certo, na história da Igreja Católica, após anos de recrudescimento e posições politicamente duvidosas, um arejamento de sua visão de mundo, permeado por conceitos como ecumenismo, sincretismo e inculturação. Através da leitura de alguns artigos, livros e manuais feitos por padres, teólogos e religiosos, bem como textos de caráter científico, busquei traçar uma breve descrição das transformações advindas das resoluções conciliares.

Apesar de ainda não contemplar todos os anseios reformistas dos católicos mais voltados para os “tempos modernos”, o Concílio Vaticano II foi responsável por drásticas metamorfoses no corpo da religião, possibilitando a realização de três conferências de grande porte na América Latina (Medellín, Puebla e Santo Domingo), ações mais arrojadas dos padres ligados aos movimentos sociais, à existência da Teologia da Libertação, à consolidação da CNBB e das Comunidades Eclesiais de Base, à atuação dos Agentes de Pastoral Negros, à Campanha da Fraternidade de 1988, cujo tema foi A Fraternidade e o Negro, dentre outras realizações de cunho sócio-político-pastoral que conferiram à igreja elevado prestígio e fizeram diminuir o nível de desconfiança na seriedade da instituição.

O primeiro Concílio do Vaticano ocorreu em 1870, sob o comando de Pio IX. Foram definidas, nesta ocasião, questões como infalibilidade do Papa nas decisões dogmáticas e a sua

primazia de jurisdição sobre cada cristão e igreja nacional (KÜNG, 2002: 207-9). Portanto, no final do século XIX e no início do século XX, deu-se a construção de um sistema antimoderno dentro da Igreja, no qual havia um progressivo distanciamento do mundo e a pretensão de portar o monopólio de cosmovisões definitivas. Seria, *mutatis mutandis*, o *revival* de um esquema medieval em uma sociedade que se encontrava em um processo de mudança aceleradíssimo (KÜNG, 2002: 203).

João XXIII (1958-63), sucessor de Pio XII, iniciaria, com seu posicionamento dialógico² em frente das outras religiões e judeus, em um breve pontificado, modificações de grande envergadura na estrutura da Igreja Católica: finalmente seria anunciado o Concílio Vaticano II. A primeira sessão se deu em 1962 e, no decorrer do evento, concluído em 1965 pelo Papa Paulo VI, foi-se configurando uma inclinação aos menos favorecidos economicamente. Daí surge a expressão “igreja dos pobres”. O escopo do Concílio, entretanto, era a promoção de um *aggiornamento* da Igreja ante as mudanças globais, medida esta que tencionava um conseqüente restabelecimento de sua importância política e a reconquista de fiéis que partiam para outras religiões, sobretudo para as protestantes. Ressalte-se que, na segunda metade do século XX, o mundo vivia as tensões da guerra fria e que o progressivo esvaziamento da Igreja Católica se mostrou um dado consistente, sobremaneira no Brasil, apesar de ainda ser a religião com maior número de adeptos (KÜNG, 2002: 224-25; BORGES, 2001:122-23; SANCHIS, 2001).

A partir da Encíclica *Ecclesiam Suam* (1964), de Paulo VI, tornou-se rotineiro o uso do vocábulo *diálogo*, no âmbito da Igreja Católica, para representar a postura de conhecimento e enriquecimento inter-religioso que se pretendia com o redimensionamento conciliar. No mesmo ano da Encíclica é criado o *Secretariatus pro non christianis*, isto é, Secretariado para os Não-Cristãos, o qual é regido pelo *Regimini Ecclesiae* (1967) que exorta a formulação de meios eficientes de intercâmbio com as comunidades não-cristãs, para que possa haver um maior conhecimento dos costumes e orientações místicas de ambos os lados.

No que tange à relação da Igreja Católica com as demais religiões, no contexto do Concílio Vaticano II, o conceito de *missão* deve também ser levado em consideração, uma vez que o mesmo é operacionalizado através do *diálogo*. A dimensão missionária seria, pois, composta por estratégias de deslocamento e difusão da mensagem da Igreja, na figura da Santíssima Trindade, às populações em que esta ainda não estivesse presente. Daí surge o interesse em incentivar o diálogo como meio de facilitar o processo de exposição e posterior conversão ao catolicismo. Porém, tal expediente eclesiástico não se subsume ao aspecto prático, pois são considerados válidos tanto o aprendizado de “dons divinos” presentes em outras culturas³, como “o compromisso em favor do homem, da justiça social, da liberdade e dos direitos humanos e a reforma das estruturas sociais injustas” (Secretariado para os Não-Cristãos, 2002: 7).

Tais “dons” poderiam ser considerados traços positivos presentes nas outras tradições religiosas, descritas como “coisas boas e verdadeiras”, “preciosos elementos religiosos e humanos”, “germes de contemplação”, “elementos de verdade e de graça”, “sementes do Verbo”, ou então “raios da verdade que ilumina a todos os homens” (Secretariado para os Não-Cristãos, 2002: 14-15). Por seu turno, o enfrentamento dos problemas sociais se daria com a instauração do diálogo no cotidiano.

Tal empresa, como já dito, tem o convencimento como fim. Contudo, para a Igreja não é o padre, tampouco um fiel pregador que fará o serviço de conversão, mas o Espírito Santo que operará através de ambos. Este apelo à exterioridade do ato perpetrado, bem como o

² Tal postura é evidenciada nos seus escritos *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963)

³ O tema do VIII Encontro de Pastoral Afro-Americana é “Comunidades Negras: Solidariedade e Alternativas”, justamente por aludir um “dom” peculiar às comunidades africanas.

reconhecimento dos “dons”, embasado em argumentos científicos⁴ e teológicos, além da motivação político-pastoral, fazem com que o discurso missionário católico, gestado no Concílio Vaticano II, se torne multifacetado e sutil.

CONCLUSÃO

Dentro deste quadro institucional, a Igreja do Rosário dos Pretos desenvolve atividades que se vinculam diretamente com os propósitos conciliares. A Ordem Terceira tem como objetivo precípuo a “manutenção do culto consagrado a Santíssima Virgem do Rosário”⁵, porém há mais três devoções que se destacam, quais sejam: Santa Bárbara, Santo Antônio de Categeró e São Benedito. A Escrava Anastácia também recebe atenção por parte dos fiéis e irmãos da igreja, porém, por não ser canonizada, não detém o mesmo *status* que os demais, isto é, sua devoção não é passível de uma organização mais sistemática, envolvendo grandes festas e celebrações.

É no entorno destas adorações que o calendário da irmandade se desenvolve, sem negligenciar, porém, a liturgia comum a todas as igrejas (sexta-feira Santa, Páscoa, Pentecostes, mês de Maria, São João, Corpus Christi e Natal) e as funções social, cultural e política da igreja. Poder-se-ia, com base no Compromisso e no cronograma divulgado no decorrer do ano que, invariavelmente, ultrapassa as delimitações festivas e rituais do regimento; definir as atividades que ocorrem ao longo dos doze meses, estabelecendo uma distinção daquelas que são mais rotineiras, uma vez que se repetem quase todo mês, de outras que são mais aguardadas, porque realizadas apenas uma vez por ano.

As reuniões da devoção de Santa Bárbara, São Benedito, Santo Antônio de Categeró e da Mesa Administrativa, por exemplo, ocorrem de Janeiro a Novembro, respectivamente na segunda quarta-feira, última quinta-feira, terceira terça-feira e no segundo domingo do mês. As missas e celebração⁶ destes três santos ocorrem também com fixidez: Santa Bárbara na última quarta-feira do mês, São Benedito na primeira quinta-feira do mês e Santo Antônio de Categeró todas as terças-feiras. Além disto, aos domingos há uma missa ordinária e às segundas-feiras, pelas almas de todos os falecidos.

A preparação para a Catequese e a Crisma ocorre nos finais de semana, entre os meses de março e outubro. Os retiros espirituais e os cursos de curta duração como corte e costura, artesanato, bordado, confecção de roupas íntimas, pré-vestibular, entre outros (alguns desses em parcerias com a Universidade Estadual da Bahia e a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social), ocorrem ao longo do ano.

A Ordem preza pelo desenvolvimento de atividades caritativas. Neste sentido, a irmandade de São Benedito recolhe roupas, brinquedos e alimentos para serem distribuídos, além da sopa, mingau e pães que freqüentemente ofertam na vizinhança.

Durante o ano se destacam eventos como a festa de Santo Antônio de Categeró, em janeiro, no dia 25 de janeiro, a Revolta dos Malês é comemorada; no início de março, no dia 8, o Dia Internacional da Mulher é lembrado, assim como os dias 14, Morte de Santo Antônio de Categeró, 19, Dia de São José e 21, Dia Internacional da Luta contra o Racismo; em abril, no último domingo, há a festa de São Benedito; a consagração da escrava Anastácia ocorre no dia 12 de maio; no terceiro domingo de agosto, há a festa da Boa Morte em Cachoeira, evento este acompanhado por muitos irmãos da Ordem; em setembro, no dia 27, são comemorados os dias

⁴ As Ciências Humanas são recorrentemente citadas nos textos, mais notadamente os argumentos que tratam das diferenças entre povos.

⁵ Compromisso da Venerável Ordem Terceira do Rosário de N.S. às Portas do Carmo. Capítulo I, Art. 2º.

⁶ No caso de São Benedito, uma vez que não há presença de padre, sendo o ato religioso de inteira responsabilidade dos irmãos da Ordem.

do Idoso e São Cosme e Damião; em outubro existe grande agitação na igreja, já que no dia 7 e 12, respectivamente Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e Nossa Senhora de Aparecida são homenageadas. A festa da padroeira, porém, ocorre no último domingo do mês, com grande missa, procissão pelas ruas do centro histórico e o copioso bacalhau com toucinho servido ao fim. O Dia da Consciência Negra é comemorado em 20 de novembro. Por fim, no dia 4 de dezembro, há a festa de Santa Bárbara, composta por missa concorrida, procissão animada, com muitos fogos e caruru no seu término.

Portanto, a partir das atividades acima arroladas, percebe-se que, pela seleção dos temas e das formas de comemorá-los, ganha corpo na Ordem Terceira uma maneira *sui generis* de experienciar a vida cristã, trazendo à tona a esfera da desindividualização a qual Bacelar (1989: 12) atribui a demarcação do referencial étnico basilar para o sujeito, assim como se pode perceber a fragmentação do símbolo religioso que José Jorge de Carvalho (2000) expõe, ressaltando-se, entretanto, que esta alteridade é respaldada, em parte, por uma posição eclesiástica sofisticada, porque pródiga de insumos e interpretações, i.e. o Concílio do Vaticano II.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: ED. 34, 1994.

BARCELAR, Jefferson. **Etnicidade: ser negro em Salvador**. Salvador: Programa de Estudo do Negro na Bahia (PENBA) / Ianamá, 1989.

_____; SOUZA, Maria Conceição. **O Rosário dos Pretos do Pelourinho**. Salvador: Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1974.

BORGES, Rosângela. **Axé, madona Achiropita: um estudo da presença da cultura afro-brasileira nas celebrações da igreja de Nossa Senhora Achiropita, no Bexiga, em São Paulo**. São Paulo: Edições Pulsar, 2001.

CARVALHO, José. A religião como sistema simbólico: uma atualização teórica. **Série Antropologia, nº 285**. Brasília: UNB, 2000.

CÁSSIA, Taynar de. Movimento negro de base religiosa: a irmandade do Rosário dos Pretos. **Caderno do CRH nº 36**, Salvador, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1990.

KÜNG, Hans. **A Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OTT, Carlos. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Pelourinho. **Afro-Ásia**, 6-7, Salvador, 1968.

SANCHIS, Pierre. Religião, religiões... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro in _____.(org). **Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001

SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. A Igreja Católica e as outras religiões: diálogo e missão. São Paulo: Paulinas, 2002.

VALENTE, Ana Lúcia. O negro e a Igreja Católica: o espaço concedido, um espaço reinventado. Campo Grande: Cecitac / UFMS, 1994.